

2025 **BOLETIM** **NÚCLEO CULTURAL DA HORTA**



A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS E AS COMUNIDADES
DE IMIGRANTES PORTUGUESES NOS ESTADOS
UNIDOS DA AMÉRICA
UMA CONVERSA COM ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

Parte I – Ativismo e ações em relação ao Estado Novo.

Parte II – A Revolução, o seu rescaldo e a forma como a Democracia portuguesa moldou as comunidades imigrantes.

Entrevista e edição de Miguel Moniz¹

Tradução de Telmo Nunes²

¹ (Onésimo T. Almeida em Providence e Miguel Moniz em Lisboa)
Gravado a 10 de março de 2024. A transcrição da entrevista foi posteriormente editada. ICS, Universidade de Lisboa. Este ciclo de conversas sobre o 25 de abril nos Estados Unidos foi realizado no âmbito do projeto da FCT “Exportar Portugal. Diplomacia Cultural e as Estratégias de Rebranding do Estado Novo nos Estados Unidos (1933-1974)” (Fundação para a Ciência e a Tecnologia-2022.08653.PTDC, Gori).

² Depois de traduzido, o texto foi posteriormente alterado sobretudo para acrescentar informações adicionais a fim de tornar mais claras algumas respostas não devidamente explícitas quando foram respondidas oralmente. Nessa fase final, contei muito com a pertinência das observações feitas, e dúvidas levantadas, pela minha mulher, Leonor Simas-Almeida.

Onésimo Teotónio Almeida, professor da Universidade de Brown e experiente académico, emigrante português, comprometido com a comunidade, mudou-se da ilha de São Miguel, Açores, para os Estados Unidos da América em 1972, após ter estudado durante três anos letivos em Lisboa.

Através da sua escrita e da organização de eventos políticos na Nova Inglaterra, Onésimo foi uma das vozes solitárias que desafiaram publicamente, de forma consistente e crítica, o regime português. No rescaldo da revolução, foi um defensor público do futuro de Portugal. Os seus escritos públicos, os seus interesses académicos e outras ações, incluindo a organização e a participação em protestos ativistas durante esta transição, foram fundamentais para a forma como os portugueses e outras pessoas nos EUA conseguiram compreender este momento histórico e crítico vivido em Portugal.

Durante a nossa extensa conversa, falámos sobre o seu empenho e atitudes, para além dos medos e ações das comunidades portuguesas nos EUA, considerando que o 25 de Abril transformou a relação dos imigrantes com Portugal, assim como as suas vidas na Nova Inglaterra.

PARTE I – ATIVISMO E AÇÕES EM RELAÇÃO AO ESTADO NOVO.

Miguel Moniz

Através dos seus escritos e da sua postura política, foi uma das poucas pessoas que falou publicamente contra o Estado Novo na Nova Inglaterra. Depois da revolução, foi um dos poucos que a considerou e apoiou de forma consistente, uma posição diferente da de muitos imigrantes de Portugal na Nova Inglaterra. Antes de nos debruçarmos sobre esta tomada de posição, pode dar-me primeiro algumas informações sobre quando e porquê veio para os EUA? Onde estava no dia 25 de abril de 1974?

Onésimo Almeida

Vim pela primeira vez aos Estados Unidos da América no verão de 1970, onde passei três meses, para visitar a minha família em Fall River. Voltei no verão de 1971, também por três meses, no verão de 1972, vim pela terceira vez. Depois desta viagem fiquei nos EUA e não regresssei a Portugal. Uma das principais razões que me levou a ficar foi o facto de, caso voltasse ao nosso país, ter de ir para a tropa quando terminasse a universidade. Como os meus pais estavam já nos EUA, não tive quaisquer problemas em obter um *green card* e tornar-me residente legal aqui. Claro que, em Portugal, eu era considerado “compelido”. Ou seja, ainda não tinha sido convocado, podia adiar a minha entrada na tropa para terminar o curso. Terminado este, devia apresentar-me, mas não o fiz e, como já estava cá, o Estado nada podia fazer contra mim.

Em 25 de abril de 1974, estava, portanto, nos Estados Unidos há quase dois anos e já me envolvera numa série de atividades.

Miguel Moniz

Pergunto-lhe sobre as atitudes políticas adotadas pelas comunidades em relação ao Estado Novo antes da revolução, e as suas respostas à situação volátil que se lhe seguiu. Um dos tópicos essenciais da Revolução portuguesa de 1974 foi a forma como esta se inseriu nos compromissos geoestratégicos mais vastos originados pela Guerra Fria. A reação anticomunista dos imigrantes nos Estados Unidos da América ao que se passava em Portugal, por exemplo, foi uma das principais preocupações do momento pós-revolucionário, sobretudo na Nova Inglaterra e nos Açores. Escreve sobre isso em

1996, no seu artigo "Equívocos de um período quente". No texto, analisa sobretudo os Açores, mas também o modo como os receios do comunismo na comunidade influenciaram a forma como as pessoas viam o 25 de Abril.

Onésimo Almeida

Permita-me que comece por referir o que se passou dois anos antes da Revolução. Comecei a escrever em 1972 para o *Portuguese Times* [New Bedford] - uma seleção desses artigos está publicada no meu livro, *Da Vida Quotidiana na L(USA)lândia* (1975). Nessa coluna semanal escrevia sobre assuntos da comunidade portuguesa aqui nos EUA, mas aludia frequentemente a acontecimentos em Portugal. Eu mantinha relação com pessoas de esquerda em Portugal que eram anti-Salazar/Caetano. Não estavam associadas ao Partido Comunista, mas faziam parte do que na altura se chamava "a Oposição". Estes contatos permitiram-me acesso a informações em Portugal que utilizei posteriormente na minha coluna. Escrevi sobre a falta de liberdade e escrevi críticas sobre a guerra em África e falei desses mesmos assuntos em programas de rádio. Por diversas vezes, referi o facto de Portugal estar a gastar 43% do orçamento nacional nessa guerra, um dado que apenas circulava na clandestinidade. Não obstante os meus contatos, era difícil obter informações sobre o que realmente se passava em Portugal. As minhas colunas eram claramente antirregime (Marcelo Caetano estava então no poder, depois de Salazar ter sofrido um enfarte). Muitas pessoas da comunidade reagiam positivamente ao que eu escrevia. O diretor do jornal nessa época, António Alberto Costa, que não era de modo algum um esquerdista, continuou a publicar esses artigos, porque eu não era abertamente radical na forma como expressava os meus argumentos, ainda que estes fossem contra o regime.

Certa vez, escrevi um longo artigo que ele publicou, e que teve chamada na primeira página - com uma faixa a toda a largura na parte inferior do jornal chamando a atenção para a minha coluna no interior - intitulado "Carta aberta ao meu povo que não entende certas palavras". Debruçava-se sobre a democracia, a liberdade, a justiça e todos os princípios básicos de uma sociedade livre. O meu objetivo era salientar que uma das principais razões para os imigrantes terem vindo para os Estados Unidos era o facto de as condições impostas pelo Estado Novo não nos permitirem crescer em Portugal. Este artigo teve um enorme impacto entre os leitores e foi muito falado. António Alberto Costa tinha um programa de

rádio chamado "Linha Aberta" e, em antena, elogiou-o muito, referindo-se às muitas pessoas que concordavam com ele.

Portanto, havia bastante receptividade à crítica sobre o que estava a acontecer em Portugal. Para sermos justos, havia, por outro lado, uma elite pró-regime na comunidade - indivíduos que nunca tinham ouvido ou considerado críticas ao governo. Esses reagiam negativamente aos meus artigos, e alguns escreviam cartas ao editor a criticar-me; mas não eram muitos. Ao menos que eu tivesse conhecimento.

Convém, todavia, não esquecer que nessa altura os EUA eram visceralmente anticomunistas e isso influenciava profundamente a comunidade portuguesa, reforçando a sua ideologia dominante.

Miguel Moniz

O seu ativismo não se limitou apenas à escrita e às intervenções radiofónicas. Fundou também uma importante coletividade de ativistas que protestou contra o regime e que continuaria a argumentar sobre os contornos do Portugal pós-revolução. Pode falar sobre essa organização?

Onésimo Almeida

Em 1973, o José Aica, emigrante do Faial (licenciado pela Universidade de Coimbra) e eu criámos o "Comité Português de Ação Democrática". Éramos os principais organizadores e dirigentes dum coletivo composto na sua maioria por jovens, alguns estudantes e imigrantes recentes. O Comité reunia regularmente e desenvolvíamos várias atividades para informar as pessoas sobre o que se passava em Portugal, procurando fomentar a crítica contra o Regime. As nossas competências eram diferentes. Eu escrevia artigos frequentes para a imprensa local e o Aica escrevia algumas coisas, mas o seu ativismo era diferente: ele inspirava através da ação, falando em reuniões e organizando atividades a partir dos bastidores.

Miguel Moniz

Que tipo de ações de protesto contra o regime organizou o Comité?

Onésimo Almeida

Posso dar um exemplo de que me recordo bem.

Em fevereiro de 1974, o General Spínola, então Vice-Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas Portuguesas, publicou o seu livro *Portugal e o Futuro*, uma crítica à liderança do Primeiro-ministro português Marcelo Caetano contendo a declaração do autor de que as guerras em África não tinham solução militar. O livro foi imediatamente banido pelo regime e proibido pelo Governo de ser vendido. Em março, Spínola foi despromovido do seu cargo. Pouco tempo depois, Pedro Feytor Pinto, Secretário de Estado da Informação de Portugal, estava de visita aos EUA e o Cônsul e membros da comunidade portuguesa ofereceram um almoço em sua honra, que teve lugar no restaurante Venus de Milo, em Swansea, Massachusetts.

O nosso Comité decidiu organizar uma manifestação de apoio a Spínola, e contra o regime, nesta ocorrência. Eu enviei um comunicado de imprensa e desenhei os cartazes. Foram cerca de 25 pessoas que se deslocaram a Swansea para o protesto. No almoço de homenagem a Feytor Pinto estavam as habituais elites comunitárias que frequentavam este tipo de eventos. O Dr. Manuel Luciano da Silva estava lá dentro, juntamente com todos os senhores da velha guarda, os então mais conhecidos, ou seja, a elite mais ativa e envolvida na comunidade.

Estavam todos indignados, muito indignados mesmo com a nossa manifestação. Achavam que o nosso protesto dava mau nome aos portugueses, porque era exatamente o que faziam os jovens ativistas e rebeldes americanos. Costumavam dizer que “nós, portugueses, somos uma comunidade pacífica e não fazemos este tipo de coisas”. Ora, os nossos protestos desafiavam essa noção. Por isso, ficaram muito zangados.

Além disso, a UPI (United Press International) que, na altura, era talvez a agência de informação internacional mais importante, tinha tomado conhecimento do nosso comunicado de imprensa e enviara um repórter para cobrir o protesto. A foto do repórter da UPI sobre a nossa manifestação foi publicada e amplamente distribuída. Assim, esta imagem da comunidade portuguesa da Nova Inglaterra, a protestar contra a visita de um membro do governo de Marcelo Caetano apareceu em todo o mundo. Isso não foi bem aceite por muitas pessoas na comunidade, que desaprovaram as nossas atividades e consideraram o protesto exagerado. Na sua perspe-

tiva, os portugueses eram uma comunidade pacífica e harmoniosa que não fazia este tipo de protestos políticos e inconformistas. Foi nesta altura que comecei a sentir uma reprovação forte e explícita por parte de alguns.

Miguel Moniz

Para mim, este facto é sintomático da divisão secular que existe na política de imigração dos EUA. Existem duas abordagens na Nova Inglaterra: por um lado, uma atitude de conformidade expressa por atitudes conservadoras do tipo “vai na onda e sê feliz” que marcaram a participação dos portugueses no movimento de americanização, por exemplo, e, por outro lado, uma abordagem socialmente mais inconformista, que incluiu o ativismo de esquerda de portugueses que se envolveram na organização laboral e nos movimentos antifascistas, bem como no movimento dos direitos civis dos anos 60. Esta atitude das comunidades é mais um exemplo dos esforços do Estado Novo para controlar o envolvimento político dos portugueses e promover a continuidade do seu regime mesmo do outro lado do Atlântico, junto dos imigrantes do país que escolhiam os EUA para viver. Do meu ponto de vista, houve diversos protestos nas comunidades logo após o 25 de Abril, com alguns imigrantes a defenderem posições políticas, geralmente relacionadas com a independência dos Açores; mas, para além deste protesto contra a presença de Feytor Pinto, parece não ter havido outros protestos públicos contra o regime antes da revolução, estou certo?

Onésimo Almeida

Tanto quanto sei, está correto. Durante esse período, esta foi a única ação do género que desafiou diretamente o regime nos Estados Unidos. Anos antes, claro, o Cônsul português, Abílio Águas, criticara o regime. Foi suspenso e afastado do seu cargo. Também em Nova Iorque, o escritor José Rodrigues Miguéis era crítico, mas deixou de escrever para os jornais comunitários, incluindo o *Diário de Notícias* (New Bedford), em 1945.

Miguel Moniz

Para além daquela afronta direta aos governantes portugueses levada a cabo pelo Comité para a Democracia em Swansea, houve outros protestos, talvez mais indiretos, contra as políticas internas ou externas do regime? Por

exemplo, manifestações em campus universitários, ou até envolvimento dos EUA nos vários movimentos de libertação africanos, incluindo o Congressional Black Caucus, que se opunham ativamente às guerras coloniais portuguesas e de outras potências europeias e que eram veementemente contra a venda de armas dos EUA a Portugal? Houve ações de protesto público contra as guerras coloniais nas comunidades portuguesas?

Onésimo Almeida

Não que sejam do meu conhecimento. É preciso compreender que as pessoas aqui apenas aceitaram o *status quo*. O jornal *Diário de Notícias* (New Bedford) começou em 1922 e terminou em 1972, mas nas suas últimas décadas era apoiado com algum financiamento do Governo português. É uma pena que o meu amigo Manuel Calado, que editava o jornal, tenha falecido há um ano e meio. Teria podido falar muito sobre este assunto. Mas durante as últimas décadas de existência do jornal, sem o apoio do Governo português não teria sido possível a sua sobrevivência. Se ler o *Diário de Notícias* dessa altura, verá que era simplesmente uma versão americana da forma como os jornais portugueses se expressavam em Portugal. Tal como os jornais portugueses, o *Diário de Notícias* de New Bedford imprimia uma versão acrítica das notícias diárias, sempre de acordo com o ponto de vista do Governo. Em 1974, na Nova Inglaterra havia apenas uma estação de rádio a tempo inteiro, a *WJFD-FM* de New Bedford. Havia também alguns programas portugueses isolados que iam para o ar em estações de rádio americanas, mas esses programas eram ainda mais conservadores do que os da *WJFD*.

Miguel Moniz

Parece que, excetuando algumas vozes, antes da Revolução era notória a ausência de uma perspetiva crítica oriunda da imprensa e da rádio comunitárias. Parecia que, no caso do Diário de Notícias, dado o apoio financeiro da parte do Governo, se sentia uma dívida para com o Regime, e por isso não se quis assumir uma posição crítica das linhas de pensamento governamental. Para as elites, se não mesmo para a maioria da comunidade, imagino que a posição dos media era coerente com as suas próprias convicções de apoio ao Regime. Perante estas pressões, como é que o seu editor reagiu às suas colunas críticas contra o Governo?

Onésimo Almeida

É interessante, porque antes do 25 de Abril, o meu editor António Alberto Costa estava aberto aos meus comentários críticos. Apreciava a minha escrita, porque eu não procurava deliberadamente o confronto. Escrevia frequentemente para apoiar o ponto de vista do grupo liberal da Assembleia Nacional, um grupo que se opunha ao regime a partir de dentro. Mas tinha cuidado. Sabia que estava a escrever para persuadir uma comunidade que era composta quase exclusivamente por pessoas a favor do Regime. Uma das razões pelas quais as pessoas eram assim era o facto de a única fonte de informação que tinham sobre o que se passava em Portugal vir do Governo nacional, incluindo a informação que era divulgada pela imprensa local de imigrantes na *WJFD* e no *Diário de Notícias* de New Bedford. Falavam ecoando a voz do Governo.

António Alberto Costa, que não tinha formação política nem interesse na crítica política, ficou surpreendido quando começou a ler algumas das coisas que eu escrevia contra o Governo. Os meus argumentos faziam sentido para ele, porque era um imigrante convicto, pró-americano, e eu defendia aquilo que eram os ideais americanos de liberdade de expressão, democracia, educação, oportunidades para os pobres, etc., por isso ele estava aberto a publicar essas colunas. Sim, algumas pessoas ficaram surpreendidas com algumas das coisas que foram escritas, mas, apesar disso, as ideias faziam-lhes sentido. Não se esqueça de que ninguém fazia a mínima ideia de que, ao virar da esquina, estava para vir uma revolução. E, sim, isso inclui-me a mim.

Miguel Moniz

Pode explicar sobre a posição pró-regime da comunidade? Deve ter havido algumas vozes que criticavam o Estado Novo e as suas políticas, mesmo que não o fizessem em público.

Onésimo Almeida

Acho que posso afirmar com segurança que as comunidades nos Estados Unidos da América não eram, em geral, críticas do Regime. E quem disser que a comunidade se opunha veementemente à Guerra Colonial está mal informado. Não, não era assim. Eu vivia na Nova Inglaterra e viajara até à comunidade de imigrantes na Califórnia. Jorge de Sena viveu quase uma

década na Califórnia, mas não expressou as suas opiniões políticas em público. Que eu saiba, ele nunca escreveu sobre política portuguesa em nenhum jornal da comunidade. De facto, nunca escreveu sobre nada na imprensa luso-americana. Claro que era crítico, mas não me lembro de ter visto nenhum artigo seu no jornal a protestar contra o governo. Quando no Brasil publicou num jornal em S. Paulo os poemas de Fernando Pessoa contra Salazar, fê-lo anonimamente. A imprensa da Califórnia era toda a favor do Regime. O jornal *Luso-Americano* de Newark também era a favor do Regime. A única atividade de protesto de que tenho conhecimento foi a manifestação que referi contra a visita de Feytor Pinto a Swansea, levada a cabo pelo Comité Português de Ação Democrática. Também fizemos algumas outras coisas, como reunir e falar com as pessoas, informando-as sobre o que se estava a passar em Portugal. Por exemplo, falei muitas vezes sobre essas questões com o Adelino Ferreira, que trabalhava para o *Portuguese Times*.

Miguel Moniz

Considerando a dificuldade em obter informações fora de Portugal, como é que conseguia saber o que se estava a passar lá?

Onésimo Almeida

Dadas as minhas ligações em Lisboa, eu era talvez a pessoa mais informada na comunidade portuguesa da Nova Inglaterra sobre o que se passava em Portugal. Recebia, por exemplo, um boletim de Portugal chamado "Direito à Informação" e os "Cadernos GEDOC" (ainda guardo alguns exemplares nos meus arquivos). Eram publicações impressas num mimeógrafo, clandestinas, contendo informações verídicas e artigos que criticavam o regime. Também recebia informações de amigos em Portugal sobre o que realmente se estava a passar, mas como havia censura e se podia ser preso por este tipo de divulgação da verdade, o que recebia de amigos, e que era cuidadosamente enviado pelo correio, era em grande parte superficial.

Miguel Moniz

E relativamente aos livros que foram proibidos em Portugal? Algum desses autores portugueses estava disponível para leitura nos EUA?

Onésimo Almeida

Em Portugal, eu próprio lera livros proibidos. Mas a maior parte desses livros proibidos era de autores estrangeiros. Um dos problemas era que não podiam ser abertamente críticos do Governo, porque, caso o fossem, seriam retirados do mercado. Um desses livros que, na opinião dos censores, foi longe demais, intitulava-se *Catolicismo de Vanguarda* de Jean-Marie Domenach. O seu tema era a guerra da Argélia, e foi publicado em Portugal com um prefácio de António Alçada Batista. O prefácio de Batista continha apenas uma leve crítica ao Governo português por causa da guerra em África, mas isso foi o suficiente para que o livro fosse proibido de ser vendido no mercado português. Era muito importante ter esses livros nas mãos, mas não continham demasiada informação ou críticas demasiado pormenorizadas porque, se assim fosse, nunca teriam sido impressos em Portugal.

Aqui, nos Estados Unidos, eu tinha acesso muito mais facilitado a livros estrangeiros e a artigos de jornais e revistas que criticavam Portugal. Mário Soares, o líder do Partido Socialista, publicou um livro em Paris, onde estava exilado, *Le Portugal Bailloné* (Portugal Amordaçado). Era proibido em Portugal, mas eu fui à Biblioteca Pública de Fall River e falei-lhes do livro e da sua importância; pedi-lhes que o encomendassem e eles fizeram-no. Quando Mário Soares veio aos EUA em 1987 para receber um diploma honorário da Brown, mencionei que o seu livro estava em Fall River. Ele não queria acreditar e queria ver com os seus próprios olhos, por isso fui buscar o livro e mostrei-lho. Ficou agradavelmente surpreendido.

No entanto, nas comunidades, tínhamos apenas um conhecimento muito limitado do que se passava em Portugal. Eu era da oposição ao regime, mas devido à falta de liberdade em Portugal, por causa da polícia política, por causa da guerra, e da ausência de uma imprensa livre, não havia suficiente informação credível a circular sobre o que se passava quotidianamente. Lembro-me de ter lido algumas críticas, na imprensa americana, sobre o que Portugal estava a fazer em África, mas essa mesma imprensa americana tinha muito pouco interesse sobre a situação do nosso país.

Miguel Moniz

Gostaria de aprofundar a questão da ausência de opinião crítica sobre o Estado Novo nas comunidades. Acha que a comunidade era fervorosamente pró-regime? Ou será que a sua aceitação da posição do governo resultava talvez do facto de serem geralmente apolíticos, uma atitude que, evidentemente, era, pelo menos em parte, uma consequência da opressão contínua do Estado Novo - incluindo os informadores locais nos EUA, bem como o medo de falar que lhes tinha sido inculcado antes da migração?

Onésimo Almeida

Sim, eram apolíticos, porque o regime não propiciava o seu envolvimento em qualquer tipo de política, nem em Portugal, nem aqui. Aliás, desde crianças todos ouviamos repetidamente que ninguém devia “meter-se em política”. Era uma espécie de perigoso tabu. Faziam-nos crer que era algo alheio à vida de todos nós. Nos Açores a situação era ainda pior. Excetuando um pequeno grupo de indivíduos que, a partir do final dos anos 60, se tornou cada vez mais consciente e crítico da situação. Mas mesmo esses se abstinham de se pronunciar publicamente por medo das óbvias consequências. A pressão para a não participação política foi absorvida pela sociedade portuguesa e, mais tarde, tornar-se-ia parte da cultura dos imigrantes. Mesmo nas décadas de 1980 e 1990, quando tentámos implicar os portugueses dos EUA no processo político, não foi tarefa fácil.

Estas pessoas cresceram nos Açores e em Portugal num contexto em que o pensamento crítico e a ação política contra o governo não eram possíveis devido à opressão do Estado. A maioria dos imigrantes que constituíam a comunidade portuguesa nos anos 70 veio para a América do Norte já adulta. Em Psicologia, Jean Piaget e Lawrence Kohlberg demonstraram empiricamente que, quando se atinge a idade adulta, a mente já está efetivamente formada. Outros investigadores do desenvolvimento infantil concordam com esta conclusão. É isto que significa, neste contexto, “estruturas profundas”. Piaget falava de “psicologia genética”, mas não no sentido biológico. Todos os seres humanos passam por várias fases de desenvolvimento mas, quando atingem a idade adulta, já estabeleceram um modo de existir no mundo baseado na forma como se desenvolveram numa idade anterior. A linguagem é apenas um exemplo disso. Na idade

adulta, é quase impossível aprender uma nova língua como um falante nativo. O mesmo acontece com os hábitos culturais. Os imigrantes portugueses, que já tinham os seus hábitos estabelecidos, não se preocupavam com o envolvimento político. Tinham vindo para cá para aproveitar as oportunidades materiais da América, para trabalhar arduamente e conseguir os meios económicos para viver melhor. O seu entendimento do que é uma vida boa fora moldado pela sua existência prévia em Portugal.

Não votavam - claro que não podiam, porque, ainda não eram cidadãos - mas, independentemente do voto, não estavam interessados no processo político americano. Tudo o que queriam era a liberdade de trabalhar, de ganhar dinheiro, de comprar uma casa e de cuidar das suas famílias, dos seus filhos e de outras pessoas que lhes eram próximas. Eram membros pacíficos da comunidade e grandes trabalhadores, sentiam-se geralmente bem aceites na sua nova terra, mesmo sem saberem que eram considerados a base da pirâmide e desprezados por boa parte dos americanos. Eles próprios, porém, estavam satisfeitos com as melhorias que encontravam nas suas vidas e nas vidas dos seus pares. Por isso que viam a América de uma forma tão positiva. Podiam dizer, “oh, a América é melhor do que Portugal”, e de facto diziam-no, mas esta afirmação não ia longe, porque os seus corações e mentes ainda estavam verdadeiramente em Portugal. Pelo menos essa é a comunidade de que me lembro.

Miguel Moniz

Pelo que descreve, os imigrantes foram moldados pela doutrina de Salazar e do Estado Novo, mas também parece terem acreditado em toda a propaganda salazarista de que Portugal era o regime e o regime era Portugal. Pelo que descreve, eles conseguiram separar a sua ligação afetiva, mas nacionalista, a Portugal, do próprio Governo que dirigia o Estado?

Onésimo Almeida

Claro que se deixaram levar pela propaganda salazarista, sim, e aceitaram totalmente esse condicionamento. É claro que também lhes seria difícil desenvolver uma consciência de oposição quando não conheciam outra forma de estar, e quando outras possibilidades tinham sido censuradas e oprimidas. Ouviram falar do Comunismo e disseram-lhes vezes sem conta que era mau. A União Soviética era caracterizada como um ator

nefasto que queria roubar-nos as colónias portuguesas em África, as pessoas diziam coisas como “Angola é nossa” e, claro, havia as canções de guerra pró-coloniais que ouvíamos todos os dias na rádio. “O povo heroico português, Num esforço estoico outra vez...” (O heroico povo português, Num esforço estoico outra vez...). Poderia continuar a recitar a letra, tal como qualquer pessoa que tenha vivido em Portugal nessa altura.

Estas canções estavam constantemente a ser tocadas nas estações de rádio portuguesas, mas não só, eram também tocadas na estação de rádio de New Bedford e em todos os programas de rádio portugueses dos EUA! As pessoas ouviam-nas aqui e ouviam-nas em Portugal, e cantavam-nas com entusiasmo. Acreditavam mesmo que Angola fazia parte de Portugal e não era uma colónia explorada. Acreditavam mesmo que as colónias eram províncias, tal como o Havai ou o Alasca faziam parte dos EUA: desligadas da geografia do continente, mas ainda assim parte do país. Afinal, Salazar tinha concedido oficialmente a Angola, Moçambique e às outras colónias o estatuto de “estados” e considerava-as parte de Portugal, então declarado um país multicontinental. E quase toda a gente acreditava nesta caracterização. E isso significava acreditar também que os outros países estavam contra “nós” porque queriam o que era “nosso”.

Miguel Moniz

Pode-se tirar os ‘doutrinados’ de Portugal, mas não se lhes pode tirar a sua ‘indoutrinação’

Onésimo Almeida

No meu livro *Obsessão da Portugalidade* (2018), tenho um artigo sobre o manual escolar do terceiro ano do ensino básico que era distribuído às crianças nas escolas de todo o império português e que resume na perfeição a ideologia do Regime. Publicado em inglês, muito antes de ser publicado em Portugal, o artigo baseia-se numa palestra que fiz numa conferência bilingue em Providence. Os organizadores convidaram-me para proferir o discurso de abertura, e eu escolhi esse livro do terceiro ano (na altura, 3ª classe) para mostrar como as mentes dos jovens alunos que tinham acabado de emigrar de Portugal tinham sido moldadas pelo Regime. As crianças do terceiro ano, com cerca de 9 anos de idade, já sabiam ler bastante bem e o conteúdo do livro parece um catecismo para a ideolo-

gia do regime. Usando esse manual, analisei a forma como os portugueses e os imigrantes tinham sido doutrinados desde tenra idade. Na terceira classe, já tinham sido expostos e já tinham interiorizado toda a visão do mundo proposta e permitida pela propaganda do Governo.

Os americanos e luso-americanos que me ouviram compreenderam o meu argumento e pareceram concordar. Na comunidade imigrante, ainda funcionavam dentro do quadro mental representado naquele livro escolar, porque a maioria tinha usado esse mesmo livro quando frequentaram a escola em Portugal. Não pensavam fora da caixa. Como podiam?

Miguel Moniz

Mais uma herança falhada do Estado Novo em Portugal e entre os imigrantes - uma educação que não só evitava desenvolver uma competência crítica nos alunos, como os punia severamente, caso a adotassem.

Onésimo Almeida

Sim, é verdade; cultivava-se a passividade e evitava-se, ou punia-se, qualquer rebeldia ou qualquer forma de espírito crítico. Atualmente, a nova geração é educada desde cedo de forma completamente distinta, com um espírito livre, e capacidade de pensar de forma diferente. No entanto, no passado, a situação era outra. Para os que foram educados em Portugal, a política, como eu disse antes, não fazia parte das suas vidas e, por conseguinte, não se interessaram pela política americana após a emigração. Um grande obstáculo para eles foi o facto de não saberem o inglês necessário para compreenderem os pormenores do que estava a ser discutido nos debates políticos. Em segundo lugar, estavam sempre ocupados a tentar ganhar dinheiro. Dinheiro para comprar uma casa, dinheiro para comprar uma segunda casa, dinheiro para comprar uma casa maior, e faziam-no com prazer, mas a sua demanda material deixava-os desmotivados para a participação política. Diziam: “Para que é que eu preciso disso? Era essa a atitude generalizada. Era uma comunidade de trabalhadores que, acima de tudo, se preocupava com uma forte moralidade católica, com a criação de uma boa família, com o respeito pelos valores públicos, com as leis do país, com a felicidade e a gratidão à América - porque a América era para eles a terra das oportunidades. Quer dizer, era essa a comunidade que eu conhecia.

Miguel Moniz

Esses discursos não se limitavam a Portugal; jornais e rádios luso-americanos também parecem ter disseminado a propaganda pró-Estado Novo, não é verdade?

Onésimo Almeida

Os luso-americanos? Sim, todos eles. Havia programas de rádio aqui e ali, mas eram todos da responsabilidade de amadores, digamos, imigrantes empreendedores que ganhavam com a publicidade a produtos portugueses de empresas portuguesas. Não eram pessoas suficientemente conscientizadas politicamente, ou não eram suficientemente instruídas e, por isso, não tinham a capacidade de criticar o Regime. Ainda assim, desempenharam um papel importante, admito isso. Em muitos casos, as suas competências jornalísticas melhoraram com o passar dos anos. Mas a maior parte do que era transmitido em termos de informação referia-se a eventos da comunidade local e a notícias recolhidas na agência governamental portuguesa.

A imprensa americana não se importava nem um pouco com a comunidade portuguesa e raramente publicava algo sobre ela, ou mesmo sobre Portugal. Ocasionalmente, o *New York Times* publicava artigos contra a guerra em África, porque, a partir do Governo Kennedy, os democratas americanos começaram a criticar a posição portuguesa. Mas a comunidade portuguesa nos EUA não gostava disso. Quando algo negativo surgia na imprensa americana contra o Governo português, não gostavam mesmo nada. Como eu disse antes, as pessoas em geral identificavam Portugal com o Governo português. Portanto, qualquer crítica ao Governo português redundava negativamente sobre a imagem de Portugal e, na sua lógica, também prejudicava a ideia que os americanos teriam dos portugueses a viver nos EUA.

Miguel Moniz

Os agentes consulares do Estado Novo nos EUA estiveram envolvidos desde o início na promoção do Regime, na exaltação de Salazar e no apoio a operações que pudessem moldar a opinião dos EUA com a intenção de fazer avançar os objetivos geoestratégicos e a influência do Regime. Através da minha investigação, dei-me conta das operações de influência consular,

na propagando do governo português, mas pode falar-nos sobre o grau de envolvimento dos funcionários consulares nesse domínio, no período imediatamente anterior à Revolução? Organizaram eventos e promoveram ações de sensibilização que pudessem influenciar a favor do Regime?

Onésimo Almeida

Eram pagos para isso mesmo. Para organizarem as festas nacionais, como o 1º de Dezembro – que celebra a Restauração em 1640 da independência portuguesa após 60 anos de domínio espanhol – e o 10 de Junho, Dia de Camões. Também estavam sujeitos à obrigação de elaborar relatórios sobre o que se passava nas comunidades, escrevendo o que chamavam (e ainda chamam) de “telegramas” para Lisboa. Todas as atividades em que as pessoas participavam e tudo o que de importante acontecia aqui para desafiar o Regime era escrito e enviado para Lisboa em relatórios para o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Eram compelidos a denunciar tudo o que fosse dito de negativo, e a enviar os nomes das pessoas que assim se tivessem pronunciado. A informação sobre estas denúncias e contestações ao Regime deve existir algures nos arquivos em Portugal, juntamente com os arquivos das ações levadas a efeito pelo Comité Democrático, porque eu sei que os Cônsules se opunham ao que estávamos a fazer.

Havia alguns Cônsules honorários – em Rhode Island havia um – que não eram pagos. Estes eram selecionados para esses cargos o que era visto como uma grande honra, já que tinham sido escolhidos para serem representantes do Estado português, representantes de Portugal. Cabia-lhes, porém, o papel de informadores que regularmente enviavam “telegramas” (o termo usado no Ministério de Negócios Estrangeiros para “relatórios”) ao Governo, indicando nomes e denunciando publicamente qualquer atividade suspeita ou afronta ao regime que considerassem estar a acontecer.

Miguel Moniz

A rede de informadores do Estado Novo penetrou profundamente nas comunidades portuguesas dos Estados Unidos?

Onésimo Almeida

Talvez a mais importante agência de informação internacional para Portugal estivesse, nessa altura, nos EUA. Os Cônsules eram pagos para isso e só os fiéis eram indicados para o cargo. Claro está que nenhum deles era crítico do Governo. Pelo menos eu não me lembro de ter falado com algum que o fosse. O mesmo se passava com o Embaixador em Washington. Eram pessoas nomeadas para os seus cargos com base no facto de serem consideradas fiáveis e leais ao Regime. Haviām sido treinadas pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e seleccionadas para os seus cargos, em função da sua capacidade de transmitir fielmente a voz do regime.

Miguel Moniz

E quanto ao clero e paróquias nacionais portuguesas? Por exemplo, no período pós-Segunda Guerra Mundial, houve um esforço da Igreja e do Estado para promoverem o culto de Fátima nos EUA. Na minha opinião, esse esforço teve diversos objetivos, entre eles o de reclamar para a Igreja o controlo dos símbolos religiosos, tratando-se de evitar os desafios ao poder hierárquico representados pelas organizações leigas que dirigiam a maioria das Irmandades do Espírito Santo. Tem uma visão particular sobre este assunto, uma vez que esteve no seminário nos Açores antes de ter um papel de liderança no movimento progressista ou de esquerda, que levou muitos padres que estavam perto da ordenação a abandonar o seminário. Havia padres nos EUA que, à semelhança dos funcionários consulares, disseminavam igualmente "a voz do Regime"?

Onésimo Almeida

Sim, isso acontecia. O clero luso-americano era em geral muito conservador. Eu conhecia a maior parte dele; tínhamos contacto regular, e os padres não aceitavam algumas das minhas opiniões. Mas a maioria perdoava as posições que eu tomava e dizia "ah! o Onésimo, ele é jovem e os jovens de hoje são influenciados por essas novas ideias...". Em todo o caso, estavam mais preocupados com as minhas convicções - na opinião deles, demasiado liberais - em matéria religiosa, do que com as minhas opiniões políticas. Ou seja, estavam mais preocupados com o que consideravam ser as posições teológicas radicais que eu já tinha aprendido e adotado quando estava no seminário, do que com o que eu dizia sobre o Governo.

Miguel Moniz

As suas opiniões eram muito difundidas na Igreja portuguesa? Tinham impacto nos padres dos EUA, ou nos crentes imigrantes, ou era visto como um caso particular, por ter sido seminarista há relativamente pouco tempo?

Onésimo Almeida

Não conheço nenhum padre nos EUA que tenha tido um envolvimento político declarado. Em Portugal, houve por exemplo dois padres, o Padre Abel Varzim e o Padre Joaquim Alves Correia, que se celebrizaram como paradigma foram exemplos importantes de clérigos não alinhados. Estes dois padres eram muito críticos do Regime, desaprovando principalmente a falta de assistência do Estado português aos pobres; criticavam também muitas das políticas do Governo e, como resultado, foram ostracizados. Ambos tinham sido influenciados pelos respetivos estudos de sociologia na Universidade de Louvain, em Bruxelas. De resto, não era preciso muito para alguém ser condenado ou colocado numa lista negra. Bastava, por exemplo, comentar o facto de o Governo não fazer o suficiente para ajudar os pobres. No final dos anos 50 e nos anos 60, algumas figuras da Igreja criticaram o regime, entre elas D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, e o Padre Felicidade Alves, pároco da igreja dos Jerónimos, em Lisboa. Mas as palavras e atividades dos clérigos não alinhados em Portugal não tiveram qualquer repercussão nas comunidades luso-americanas.

Miguel Moniz

Lembra-se de algum padre específico na Nova Inglaterra que tenha tomado posições políticas públicas, quer contra quer a favor do regime?

Onésimo Almeida

Houve um padre, o Padre Manuel Rocha, em Ludlow, MA, que, quando vivia em Portugal, foi inicialmente crítico do Regime; mas este é um caso curioso. O Padre Manuel Rocha era natural da Graciosa, Açores e, tal como os padres Varzim e Correia, tinha estudado sociologia em Bruxelas. Foi influenciado por algumas ideias tidas como arriscadas, nomeadamente a doutrina social-cristã. Em Portugal, Rocha preocupou-se um pouco com a justiça, o que levou Salazar, segundo me disseram, a querer

exilá-lo, pedindo ao Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa, que o enviasse para uma comunidade portuguesa nos EUA. Assim, Rocha veio para Ludlow, tendo sido nomeado pároco da paróquia de Nossa Senhora de Fátima. O que torna o seu caso interessante é que, apesar da sua anterior posição crítica, depois de chegar aos Estados Unidos, Rocha tornou-se extremamente conservador e fielmente pró-Salazar. Assinava os seus artigos por "Dr." Manuel Rocha e era um grande defensor do culto de Fátima, organizando peregrinações a Portugal, etc. Se na sua juventude tendera para a oposição ao regime, depois de vir para cá, foi bem diferente. Ouço coisas não muito agradáveis sobre ele em Ludlow.

Miguel Moniz

E os padres que apoiavam algumas teologias liberais? Alguns dos mais destacados padres portugueses que estudaram em Louvain mantinham posições firmes sobre o tratamento dos pobres, posições essas contrárias às do Estado Novo. Há padres cujas obras, por exemplo, sobretudo em relação aos pobres, possam ter sido subtis ou silenciosamente críticas à postura do regime?

Onésimo Almeida

Há aqui casos de padres que participaram discretamente em causas sociais sem serem abertamente contra o regime. Um dos mais ativos nesse sentido foi o Padre Luciano Pereira. Oriundo da freguesia de Capelas, S. Miguel, trabalhou afincadamente em Fall River, envolvendo-se, na comunidade, sobretudo, a nível social e educacional. Foi responsável pelo início do programa ESL (English as a Second Language) em Fall River e iniciou aulas de educação de adultos, ensinando não apenas inglês aos imigrantes de Portugal, mas também outros temas, procurando passar informações importantes para o seu bem-estar cívico e físico. Criou a Organização Cultural da Juventude Portuguesa (também conhecida por PYCO) em Fall River, cujo principal objetivo era combater a tendência dos jovens portugueses para abandonarem a escola. Eu ajudei-o bastante com a PYCO, que contribuiu para conseguir empregos de verão a tempo parcial para os jovens, mantendo-os longe da rua. Incentivámos os alunos mais capazes a inscreverem-se em cursos no Bristol Community College. No entanto, apesar do ativismo do padre Pereira em prol da justiça social,

ele não manifestava qualquer interesse num envolvimento especificamente político. Trabalhei de perto com ele, mas nunca lhe ouvi qualquer crítica política ao Regime. Não se pronunciava sobre a política nos EUA nem sobre a política em Portugal.

Miguel Moniz

Houve algum padre que assumisse abertamente perspectivas pró-regime quando estava no púlpito, fazendo daí propaganda política?

Onésimo Almeida

Não sei de nenhum. O que se passava é que eles não tinham mesmo que falar em apoio ao Regime, porque ninguém estava a protestar. Ninguém. Não tinham que se pronunciar, porque ninguém explicitamente discordava do *status quo*. O apoio político ao regime teria sido redundante, porque ele já estava bem assegurado.

Miguel Moniz

Há, evidentemente, formas de a Igreja dar sinais de apoio ao regime ou de colaborar com os seus objetivos nos EUA. Por exemplo, os esforços no final dos anos 40 e início dos anos 50 para propagandear o culto de Fátima, que resultaram no estabelecimento de várias igrejas de imigrantes, bem como de monumentos em honra de Fátima nos EUA.

Onésimo Almeida

Sim, Fátima foi totalmente aceite aqui, e temos igrejas de Nossa Senhora de Fátima que foram construídas durante esse tempo em Fall River, Pawtucket, Cumberland, além da já referida em Ludlow. Portanto, Fátima foi fundamental como veículo utilizado pelo Regime.

Miguel Moniz

A outra face desta questão é, naturalmente, a forma como o Estado Novo cultivou ligações a instituições de imigrantes, incluindo a Igreja, como parte de uma estratégia mais ampla para promover o regime e incrementar o apoio aos seus objetivos políticos no seio do governo dos EUA. Por um lado, temos

a colaboração direta do clero nos Estados Unidos com os objetivos estratégicos do Governo, como pude verificar pela minha própria investigação nos arquivos do Patriarca da Arquidiocese de Lisboa e do Ministério dos Negócios Estrangeiros, sobre a visita completamente esquecida do Cardeal Cerejeira à Califórnia, Nova Inglaterra e Nova Iorque, em 1936; por outro lado, temos, como já foi dito, a promoção e o apoio do regime à difusão do culto de Fátima nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, a forma como as políticas pró-regime se concretizavam pode ser impercetível e imagino que o clero, dada a sua posição proeminente e influente junto dos paroquianos nas comunidades, possa influenciar o apoio (ou a rejeição) do governo de formas subtis.

Onésimo Almeida

Sim, mas eu repito que, de facto, o Regime não precisava do seu apoio de uma forma aberta, o apoio do clero e dos paroquianos ao Governo era um dado adquirido. Os clérigos nunca sentiram necessidade de vir defender Portugal ou defender o Regime, porque ninguém o questionava. Sim, Cerejeira estava a orquestrar as coisas nos bastidores, mas o clero não manifestava a consciência de que isso estava a acontecer. Os seus membros respiravam naturalmente a ideologia do regime e achavam abominável tudo o que a contradissesse.

Eu conhecia a maior parte dos padres desse tempo e nenhum verbalizava qualquer opinião política contra o Regime português. A maior parte tinha sido educada em Portugal; eles tinham vindo para cá já adultos, e eram como os padres que viviam nos Açores. Havia alguns que tinham estudado no estrangeiro, em Roma ou em Portugal, e haviam regressado para ensinar no Seminário de Angra. Muitos tinham mentes cultas, alguns eram brilhantes, mas nenhum criticava abertamente o Regime. Nem mesmo nos Açores. Os que estavam aqui, vindos dos Açores, do continente, das colónias, não questionavam o *status quo*, nem sentiam a necessidade de explicitamente o propagandear.

A história pós-revolução é totalmente diferente, porque nesse momento começaram imediatamente a opor-se à revolução e a falar contra ela.

PARTE II - A REVOLUÇÃO, O SEU RESCALDO E A FORMA COMO A DEMOCRACIA PORTUGUESA MOLDOU AS COMUNIDADES IMIGRANTES

Miguel Moniz

Gostaria de discutir as atitudes antirrevolução que tiveram lugar nas comunidades após o 25 de abril de 1974. À medida que as facções negociavam o poder em Portugal, havia um ceticismo generalizado entre os imigrantes que temiam as consequências políticas. À medida que crescia a perceção de que o novo governo seria composto por comunistas ou tão só de alinhamento socialista, esse ceticismo foi-se transformando em hostilidade e, nalguns casos, em apoio à violência política. Do ponto de vista dos imigrantes portugueses nos Estados Unidos, que tinham vivido as crises vermelhas dos anos 20 e 50 e foram marginalizados e discriminados por estarem associados a esquerdistas, este foi um acontecimento preocupante. Muitos reagiram com receio (exagerado ou não) de que um governo comunista em Lisboa confiscasse os seus bens e os separasse das suas famílias. Este tipo de preocupações conduziu a reações políticas à revolução que foram muito diferentes entre os EUA e Portugal.

Para começar a explorar este tema, gostaria de lhe perguntar sobre o momento imediatamente a seguir à Revolução. Como era a situação nos Estados Unidos quando a notícia foi divulgada?

Onésimo Almeida

Bem, aqui na comunidade, no início, havia um grande entusiasmo pela Revolução. Lembro-me de que o Aica e eu, juntamente com os outros membros do Comité Português de Ação Democrática, nos tornámos heróis, de um dia para o outro. Mas depois as coisas começaram a descambar muito rapidamente. Duas ou três semanas mais tarde, as notícias de Portugal recolhidas pelos jornais americanos começaram a publicar críticas à Esquerda e a proclamar o perigo do Comunismo. O receio de uma tomada de poder por um Governo comunista do que isso representaria surgiu muito rapidamente, no espaço de um mês. Tanto os imigrantes portugueses como os americanos não portugueses se interessaram muito pelo que se passava em Portugal e seguiram os acontecimentos com atenção e receio. Lia-se constantemente nos jornais daqui sobre o que estava a passar-se em Portugal e, especialmente, ouvia-se o que se dizia na rádio. Até

se criou um movimento Portugal Livre, o que me pareceu absurdo porque, claro, Portugal já tinha sido libertado.

Os políticos da Nova Inglaterra reagiram quase de imediato a este facto. Preocuparam-se com Portugal e começaram a falar, e foi aí que os americanos começaram a interessar-se pelos portugueses. Perceberam que, para lutar contra os comunistas em Portugal, teriam de fazer alianças com os nossos grupos conservadores. Rapidamente, a questão da independência dos Açores passou a dominar a cena política das nossas comunidades.

Miguel Moniz

Sim, em Portugal, a Revolução é muitas vezes tratada como um acontecimento político nacional, com relevância apenas para o país e, claro, para as (antigas) colónias portuguesas, mas foi, na verdade, uma crise política internacional implicada nas manobras geoestratégicas da Guerra Fria. Neste quadro, a Revolução em Portugal iria repercutir-se nas relações internacionais entre os teatros regionais de poder em África, na Ásia, na América do Norte e na Europa. Apesar do interesse global pelo que se passava em Portugal, e da abertura do país a relatos do mundo exterior, imagino que houvesse ainda uma grande confusão sobre o que estava a ocorrer, especialmente porque as coisas mudavam tão rapidamente no terreno.

Onésimo Almeida

Antes da revolução, a primeira e única manifestação pública na Nova Inglaterra foi o atrás referido protesto contra a visita de Feytor Pinto. Claro que eu tinha sido crítico do regime nos meus artigos e escrevera algumas cartas ao editor, embora não fossem muitas. Depois do 25 de abril, aqueles de nós que celebraram e defenderam publicamente a revolução continuaram sendo um grupo muito pequeno.

A seguir ao 25 de abril, o Aica e eu, através do Comité Democrático, organizámos sessões públicas de esclarecimento em várias cidades para explicar à comunidade portuguesa o que estava a passar-se em Portugal. Lembro-me de que uma dessas sessões em Fall River estava a abarrotar, com pelo menos 200 pessoas presentes. Ao falar nestas sessões, senti a oposição generalizada e a atitude antagónica e negativa em relação ao que estávamos a dizer.

Não obstante, o próprio Comité tornou-se complicado. Vários membros, recém-chegados de Portugal, eram bastante jovens e alguns muito pouco informados. Faziam frequentemente declarações ingénuas e provocatórias. Dois dos membros consideravam-se maoístas e eu, como colíder do grupo, e tentando manter a coesão das nossas declarações públicas, não conseguia controlar o que era dito. Acabei por abandonar o grupo, porque este começou a deslocar-se cada vez mais para a Esquerda radical e não refletia a minha visão das coisas. Alguns desses jovens tomaram atitudes levianas e pouco políticas. No início, tentei defendê-los, mas chegou a um ponto em que passei a ser identificado na comunidade como comunista. Finalmente, disse: "Basta! Vou deixar este grupo, porque não sou responsável pelas coisas estúpidas que eles estão a fazer".

Miguel Moniz

Recorda-se de exemplos de algumas das afirmações que eles proferiram ou ações que empreenderam que foram contra os seus objetivos e que o levaram a abandonar o grupo?

Onésimo Almeida

A título de exemplo, organizaram um evento em Bristol, no Clube Português D. Luís Filipe, e um indivíduo do grupo colocou a bandeira americana dentro de um caixote do lixo. Eu não estava na sessão quando isso aconteceu, e só soube do facto quando li no jornal, mas foi a gota de água que me fez desistir. No início, defendi o grupo, mas depois de verificar que isto tinha mesmo acontecido, disse: "não, isto não pode ser, isto é, pôr a bandeira americana num caixote do lixo enquanto se tenta explicar o que se está a passar em Portugal é contraproducente". Perguntei-lhes: "é assim que esperam explicar à nossa comunidade o que é a Revolução portuguesa?" Aqueles tipos acabaram com a atividade do Comité, porque o Aica não era um líder público, era alguém que liderava por influência direta nas pessoas. Não usava a sua autoridade para controlar aqueles atos sem sentido. E depois disso separámo-nos e eu tive de me afastar, porque não concordava com aquilo. Mas depois fui acusado por membros do Comité de me tornar fascista. É absurdo. Por um lado, fui acusado pelos meus antigos colegas ativistas de ser fascista e, por outro, fui acusado pelos membros da comunidade de ser comunista. Para além disso, um jornal

de Lisboa afirmou que eu era um agente da CIA. Foi assim que as coisas evoluíram durante este período. Confusão e desinformação. As paixões controlavam as ações das pessoas. Neste ambiente, o grupo não conseguiu manter-se unido. Apesar de ser um indivíduo brilhante, o Aica não conseguia manter a coesão entre os membros do grupo.

Foi então que a FLA, Frente de Libertação dos Açores, tomou conta da conversa, captando o apoio de toda (ou quase toda) a comunidade.

Miguel Moniz

Sei que já escreveu muito sobre este capítulo da história. Também o exploro no meu trabalho, mas creio que, dada a importância das ligações transnacionais entre os Açores e a Nova Inglaterra e considerando que essas fizeram parte dos esforços norte-americanos para influenciar o resultado de quem governaria Portugal pós-revolução, este período merece um estudo mais aprofundado. É seguro dizer que entre as comunidades açorianas da Nova Inglaterra havia um apoio generalizado à FLA - que era um movimento reacionário, de direita e protonacionalista?

Onésimo Almeida

Antes da FLA, havia também o Comité Açoriano de 1975; mas sim, este último depressa se integrou na Frente de Libertação dos Açores. Como diz, já escrevi sobre isso. Foi nessa altura que um número significativo de pessoas das comunidades açorianas daqui aderiu à FLA - cujo líder José de Almeida, tinha vindo viver para Fall River com o objetivo de mobilizar a comunidade açoriana. Esperava alistá-la e, de facto, muitos aderiram à causa, através da intervenção junto dos poderes políticos norte-americanos para promover o seu apoio à independência. Tudo porque as forças conservadoras dos Açores receavam que Portugal caísse no bloco comunista.

Os ânimos exaltaram-se e o ambiente geral tornou-se frenético, porque a grande maioria dos continentais não era a favor da independência dos Açores, como não o eram muitos açorianos. Era sobretudo a comunidade micalense que estava empenhada no movimento. Muitos açorianos das outras ilhas temiam que a independência dos Açores significasse uma deslocação do poder de Lisboa para Ponta Delgada. Por sua vez os continentais que simpatizavam com a FLA faziam-no porque temiam que Portugal caísse sob o domínio comunista e soviético.

Miguel Moniz

São conhecidos os vários esforços de promoção da independência dos Açores e de ajuda às ilhas levados a cabo por políticos norte-americanos e açorianos. Entre eles, uma rápida conversa ao ar livre de uma delegação pró-independência com o Senador do RI Clairborne Pell, bem como uma reunião formal na Sala Oval com Gerald Ford, organizada pela Congressista do Massachusetts Margaret Heckler, que representava a região South Coast daquele estado. A reunião com o Presidente contou com a presença do empresário de grande sucesso e figura de proa da comunidade, José Fernandes, dono da cadeia Fernandes Supermarket. (Não me recordo se ele esteve no Venus de Milo para o almoço com Feytor Pinto, mas era o tipo de pessoa que teria estado presente).

Na recente conferência da UMass Dartmouth sobre a Revolução dos Cravos, na qual ambos marcámos presença, foi sugerido que este facto demonstra o poder político das comunidades para intervir na situação e informar os EUA. Não quero minimizar a influência que o bloco de eleitores portugueses tinha junto dos políticos que os representavam, mas penso que uma explicação mais provável é que os EUA estavam a usar a comunidade para pressionar os socialistas em Portugal com vista a assegurarem a presença americana na Base das Lajes e, através destas reuniões, expressarem o seu descontentamento relativamente a uma aliança socialista e comunista.

Sabemos que o Secretário Kissinger estava a comunicar com líderes europeus para discutir a anexação dos Açores e que o governo dos EUA, através da CIA, estava a trabalhar para separar os socialistas dos comunistas na liderança provisória pós-revolução. Assim, a importância de uma reunião da Casa Branca com representantes da comunidade imigrante consistia em enviar uma mensagem sobre uma situação que já estavam a tentar influenciar. No entanto, a utilização dos imigrantes norte-americanos como parte desta postura geoestratégica, enquanto os EUA procuravam influenciar o futuro de Portugal, apresenta uma categoria única de trans nacionalismo político.

Pode falar sobre o que estava a acontecer em Washington em relação ao ativismo comunitário e aos esforços para moldar os acontecimentos em Portugal, especialmente em relação à FLA?

Onésimo Almeida

A FLA nunca conseguiu obter o apoio de Washington. A independência contava com o apoio do Secretário de Estado Kissinger, que considerava Portugal perdido para o comunismo e achava importante apoiar a independência dos Açores porque o principal interesse dos EUA em Portugal era a possibilidade de continuar a utilizar a Base Aérea das Lajes.

Historicamente, já houve duas ocasiões em que os Açores foram utilizados como ponto estratégico em tentativas de reconquista do poder em Portugal continental. Uma foi no período que antecedeu o domínio filipino, no final do século XVI, com a Terceira a resistir à ocupação espanhola durante três anos. A outra foi durante a guerra civil do século XIX, quando a causa liberal de D. Pedro IV reuniu forças nos Açores para tomar o poder aos absolutistas. Estas referências históricas foram evocadas, mas Frank Carlucci, na altura embaixador dos EUA em Portugal, discordou de Kissinger e considerou que era essencial apoiar Soares para se poder retirar os comunistas do poder. A posição de Carlucci acabou por conquistar a abordagem da política externa do governo norte-americano. Para isso, contou-se com o apoio constante do senador Clairbone Pell, de Rhode Island, que era então presidente do Comité de Relações Exteriores e, portanto, uma figura com imenso poder. O pai do Senador Pell foi Ministro (Embaixador) dos EUA em Portugal nos anos 40 e tivera sempre uma grande afeição pelo nosso país. Era totalmente contra a independência dos Açores, pois considerava que isso só iria enfraquecer Portugal.

Os Estados Unidos foram cautelosos na sua intervenção direta na política portuguesa. Em 1973, intervieram no Chile e foram acusados de serem responsáveis pela morte de Salvador Allende, o presidente de esquerda. De facto, em 1975, no auge das lutas entre a esquerda, os comunistas e a direita em Portugal, Philip Agee publicou um livro que revelava documentos secretos que confirmavam a intervenção americana no Chile. Houve um alarido público. Assim, os EUA optaram pela prudência no envolvimento público direto no caso português, preferindo apoiar Mário Soares por meio dos partidos sociais-democratas da Alemanha e da Suécia, cujos líderes eram, respetivamente, Helmut Kohl e Olof Palme.

Miguel Moniz

Estará isso relacionado com a forma como o movimento de independência açoriano se transformaria num movimento que acabou por resultar nas disposições da Constituição portuguesa que concedem autonomia política às ilhas?

Onésimo Almeida

Sim, está. A abordagem de Carlucci resultou no fracasso da FLA e do movimento pela independência. Estas ações, no entanto, também contribuíram indiretamente para que Portugal tomasse consciência da importância do poder político da identidade açoriana nas ilhas. Algo que também foi avançado por vários açorianos em Lisboa que desempenharam papéis importantes no topo do Partido Socialista, incluindo Jaime Gama, José Medeiros Ferreira, Eduardo Paz Ferreira e Mário Mesquita. Esses líderes foram os arquitetos dos estatutos pós-revolução que regem a autonomia política. Houve outras figuras açorianas importantes no processo, como João Bosco Mota Amaral, Vitorino Nemésio e Natália Correia, por exemplo, mas foi o núcleo açoriano nos altos patamares do Partido Socialista que funcionava como chave principal.

A Madeira também beneficiou, visto que o seu estatuto autonómico não teria sido concebível sem o que aconteceu nos Açores. Com a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, o estatuto autonómico das ilhas ficou juridicamente assegurado, visto que existiam já muitos outros acordos semelhantes reconhecidos entre vários outros países da União Europeia. À medida que as instituições democráticas se consolidavam em Portugal e nas ilhas, a ideia de independência dos Açores foi desaparecendo. Assim que os fundos começaram a chegar da Europa, qualquer movimento nesse sentido foi enterrado para sempre.

Miguel Moniz

Ouvimos frequentemente que na Nova Inglaterra as comunidades de imigrantes, pelo menos as dos Açores, apoiavam a independência açoriana. Houve, no entanto, vozes nos EUA que se opuseram publicamente à independência dos Açores ou à FLA? Qual era o sentimento das restantes comunidades em relação à independência? O facciosismo entre grupos de imigrantes com diferentes origens geográficas foi um fator determinante? Por outras palavras, os de Portugal continental reagiram de forma diferente dos dos Açores?

Onésimo Almeida

Um dos poucos que aqui escreveram contra a FLA fui eu. O Aica também era contra, mas não chegou a publicar o que dizia. De repente, a comunidade tornou-se vocalmente política e, em geral, sim, apoiou a FLA. Os que não eram simpatizantes ficaram calados. Foi um pouco diferente em Newark, New Jersey, onde a comunidade luso-americana é composta por portugueses continentais. A FLA não interveio aí. A comunidade continental em New Jersey não apoiava a independência dos Açores e, em geral, pelo menos no início, apoiou a Revolução. No entanto, à medida que cresciam os receios de uma tomada de poder pelos comunistas, a grande maioria das comunidades de New Jersey também se voltou contra a Revolução. Escrevi sobre este assunto (em 1996), explicando que a posição política adotada nas comunidades era, na sua raiz, uma cruzada religiosa contra o Comunismo ateu. O Comunismo era o grande mal para a maioria das comunidades, que sentiam que se Portugal sucumbisse ao bloco comunista, isso iria ameaçar a sua fé. Foi por isso que, quando se deu a cisão entre Mário Soares e Álvaro Cunhal, levando os socialistas a afastarem-se do marxismo e a aliarem-se claramente à social-democracia europeia, se sentiu o desaparecimento do perigo do Comunismo e a FLA progressivamente perdeu toda a sua força política.

Miguel Moniz

Com tantos açorianos apoiantes da independência dos Açores e, em geral, críticos da Revolução, deve ter enfrentado também alguma crítica das comunidades?

Onésimo Almeida

Tive anos difíceis aqui durante este período. O ano de 1975 foi particularmente negro, pois a minha imagem pública ficou injustamente manchada. Fui difamado por uma parte da comunidade como antiamericano, e diminuído como se fosse um fantoche da esquerda. Demorou algum tempo até que as coisas comesçassem a assentar e a mudar para mim. A minha posição no jornal também foi posta em causa. António Alberto Costa não me expulsou de imediato do *Portuguese Times*, mas tornou a minha situação desconfortável. Pagou a alguém para escrever uma coluna semanal de crítica contra mim, com um título e um pseudónimo que parodiava a minha

coluna e o meu nome. Sei que isso aconteceu porque, décadas depois, o próprio autor da coluna me confessou que Costa o tinha feito, confirmando algo de que eu já suspeitava há muito. Não, Costa não me expulsou, mas eu deixei o jornal e comecei a escrever para o *Jornal de Fall River*. Mesmo assim, havia muito pouca gente aqui a tomar a posição que eu assumia, a favor da Revolução e contra a FLA. Sim, havia pessoas que gostavam da Revolução, da liberdade que ela oferecia, etc., mas a preocupação principal era saber se os comunistas estavam ou não a tomar o poder.

Miguel Moniz

O receio de que o Governo recém-empossado fosse comunista ou aliado do Bloco Comunista traduziu-se em apoio à contrarrevolução em Portugal ou em declarações de apoio ao Regime deposto? Ou estavam apenas preocupados com as implicações da Revolução nas suas próprias vidas, bens, práticas sócio religiosas, possibilidade de regressar e ver a família, etc.?

Onésimo Almeida

Começaram por se preocupar sobretudo com a anarquia que viam acontecer em Portugal. Não gostavam das lutas constantes, das imagens de Lisboa que mostravam a cidade caótica, suja, feia, cheia de *graffitis*. Iam a Portugal e regressavam aos EUA horrorizados com o que tinham visto. Portanto, do ponto de vista puramente estético, a imagem da Revolução era terrível. Não gostavam nada da forma como viam o Portugal pós-revolução e eram todos contra o que se estava a passar no seu país. Sim, a ideia de Democracia era boa, sentiam-no, como resultado da Revolução, mas muitos também pensavam que se tinha ido pelo caminho errado e que "Portugal precisava de um líder forte". Havia a opinião de que os 16 anos de República, de 1910 a 1926, tinham sido um desastre e que Portugal não poderia sobreviver sem uma mão forte, como Salazar tinha sido. "Não", diziam muitos, "não fomos feitos para a Democracia". Este era o *leitmotif* ou o refrão que eu ouvia por todo o lado nas comunidades.

Miguel Moniz

Após a deposição do Estado Novo, especialmente antes das eleições pós-revolução, políticos e figuras do novo poder vieram à América do Norte e,

tal como o seu Comité tinha feito, deram palestras explicativas, "sessões de esclarecimento". Como eram essas sessões? As comunidades reagiam negativamente aos oradores de Esquerda?

Onésimo Almeida

Não houve semelhanças óbvias entre as "palestras explicativas" do dito comité e as posteriores "sessões de esclarecimento" político. Os membros do Partido Comunista não eram autorizados a entrar nos Estados Unidos, por isso os políticos que cá vinham eram aqueles que estavam no lado mais conservador do espectro político. E sabendo o que sabiam sobre a posição das comunidades, os socialistas não queriam perder tempo a deslocar-se aos EUA. Em suma, havia poucas vantagens para os socialistas virem cá e os comunistas estavam mesmo proibidos de vir. Neste contexto, os políticos que realmente ganharam apoio aqui foram os do Partido Social Democrata (PSD). José Cesário, que mais tarde viria a ser Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, era da Beira Alta, e o Clube Juventude Lusitana de Cumberland (que tinha muitos membros desta região de Portugal) abraçou-o de todo o coração. Mais tarde, Cesário deslocou-se muitas vezes aos EUA, quando era deputado à Assembleia da República e quando se tornou Secretário de Estado do Governo. Por sinal, recuperou essa posição nas recentes eleições portuguesas.

Miguel Moniz

Quão envolvidos estavam não portugueses nestes debates e em que medida é que isso moldou as atitudes nos EUA, para além das comunidades, sobre o que estava a acontecer em Portugal? Dada a perspetiva esquerdista geral, por exemplo, dos estudantes universitários nos anos 70, havia um sentimento entre eles de que talvez Portugal não estivesse a virar suficientemente à esquerda?

Onésimo Almeida

Lembro-me de que em 1978 convidámos Natália Correia para vir à Brown participar numa série intitulada "Musas de Portugal e do Brasil". A Natália tinha-se oposto ao Regime, mas depois da Revolução tornou-se ardentemente anticomunista. Um estudante da Brown tinha ido a Por-

tugal onde tirou fotografias de rostos de pessoas na rua - para ele, estes eram apenas alguns rostos da Revolução. No entanto, como as imagens de martelos e foices podiam ser vistas em todo o lado durante esse período, muitas das fotografias tinham esses símbolos comunistas no pano de fundo dos retratos. Porque se tratava de uma sessão em inglês, os meus colegas George Monteiro e Nelson Vieira traduziram poemas da Natália, mas isso era pouco para preencher o programa. Decidimos por isso incluir poemas do muito pouco que na altura havia de poesia portuguesa contemporânea traduzida para inglês. Servimo-nos de uma pequena antologia de poesia neorrealista. À medida que esses versos eram lidos, ao lado da oradora, projetávamos diapositivos das interessantes fotos que o estudante da Brown tinha tirado em Portugal. A ideia era ouvir estes poemas sobre Portugal e, como elemento visual, o público veria os rostos de portugueses nas ruas, cujas vidas tinham sido diretamente afetadas pela Revolução.

É claro que as fotos não retratavam apenas rostos, inevitavelmente também continham as imagens de martelos e foices - omnipresentes na altura. A Natália Correia interpretou mal este facto. Pensou que eu a convidara para a desafiar e, claro, reagiu de forma terrível. O meu colega George Monteiro veio dizer-me que ela queria abandonar a sala. Foi complicado evitar que isso acontecesse. Mas meteu-se-lhe na cabeça que afinal tudo tinha sido um *complot* comunista arquitetado por mim. Saiu dos EUA sem falar comigo. É uma longa, longa, história. Tudo causado por um estudante da Brown que foi a Portugal e ficou entusiasmado com a Revolução e com as pessoas a expressarem a sua liberdade. É óbvio que, ao contrário do que a Natália pensou, nada havia da premeditação provocatória que ela imaginara.

Miguel Moniz

Atualmente, seria difícil encontrar alguém que tenha uma palavra má a dizer sobre a Revolução dos Cravos nas comunidades imigrantes norte-americanas. Quando é que começamos a ver essa mudança de opinião por aqui, sobre o que aconteceu em Portugal? Quando é que os portugueses nos EUA começam a pensar que a Revolução foi benéfica para eles e para o país?

Onésimo Almeida

À medida que a ameaça do comunismo diminuía no Continente, e os Açores se estabilizavam sob o Governo social-democrata português, a FLA perdia realmente o seu domínio, o que despoletou grande parte dos debates comunitários. Mas só quando Mário Soares veio aos EUA, em 1989, é que as coisas mudaram de facto. Ele tinha estado na Brown dois anos antes, mas o programa da sua visita limitara-se essencialmente à sua participação nas cerimónias de formatura da Brown, onde recebeu um doutoramento *Honoris Causa*. Mas, nessa altura, ele prometeu que voltaria aos EUA para conhecer melhor a comunidade portuguesa.

Miguel Moniz

Soares visitou os EUA muitas vezes. Tinha vindo à América antes da Revolução e depois como membro do Governo Provisório. Esteve também nos EUA algumas vezes como Primeiro-Ministro em visitas privadas. Quando esteve na Brown, em 1987, aproveitou a visita para se deslocar a Washington para um encontro com o Presidente Reagan. Pode falar sobre a viagem diplomática alargada às comunidades portuguesas em 1989, que teve um impacto tão dramático nos portugueses em New England e noutros locais dos EUA? Se não estou em erro, foi durante esta visita que ele fez o seu famoso discurso encorajando os portugueses a tornarem-se cidadãos americanos e a participarem na política eleitoral dos EUA. Como é que isso foi recebido?

Onésimo Almeida

Sim, exatamente. Antes da visita de 1989, o Governo enviou um dos assessores de Soares como observador prévio para perceber melhor o que se esperava do Presidente durante a sua estadia. O conselheiro veio à Brown e falou comigo, perguntando “que mensagem deve o Presidente dar à comunidade?”. E eu respondi-lhe: “Diga-lhe que deve fazer saber à comunidade que Portugal está a tomar conta de si próprio. Seria bom dizer também que Portugal aderiu à União Europeia e se encontra estável. Que a melhor forma de ajudar Portugal e de a comunidade se ajudar a si própria é participando no sistema político americano. Que a comunidade deve votar, porque votar e intervir no sistema americano será a melhor forma de ajudar Portugal. Sempre que Portugal precisar do apoio dos EUA, poderá contar com o nosso apoio”. A mensagem foi-lhe transmiti-

da e, se consultar os jornais portugueses que noticiaram a digressão diplomática de Mário Soares, verá citações dele a dizer exatamente isto, usando mesmo essas palavras.

O mérito desta afirmação visionária é, com razão, atribuído a Mário Soares. Mas eu posso declarar, sem presunção, que fui eu a sugerir isso. A partir daí, este discurso de Mário Soares – reiterando como a comunidade precisava de participar politicamente aqui nos EUA – foi constantemente citado. O *Portuguese Times* é uma boa fonte para quem o quiser verificar.

Essa foi a linguagem que Soares usou e o sentimento que expressou, mas, infelizmente, em termos de resultados práticos, as palavras de Soares pouco persuadiram a comunidade a participar politicamente nos EUA, pelo menos a curto prazo. O que realmente convocou a comunidade para a ação foi o facto de a dada altura, e como parte das reformas nacionais da imigração, todos os emigrantes terem sido obrigados a renovar o seu *green card* (cartão de emigrante legal). Aqueles que optassem por requerer a cidadania (desde que estivessem legalmente nos EUA há mais de cinco anos) não teriam de renovar o *green card*. Foi então que me envolvi com a Casa dos Açores e com Fátima Martins, de Cambridge, Massachusetts, nos empenhámos afincadamente em convencer os emigrantes a optarem pela segunda alternativa. Ajudámos milhares de pessoas a preencher formulários e, depois, a prepararem-se para o exame requerido para a obtenção da cidadania. Isso aconteceu no início da década de 90 e foi na verdade o que provocou a corrida à cidadania americana.

Miguel Moniz

Que atividades práticas foram realizadas na comunidade para promover a participação política?

Onésimo Almeida

Algumas organizações comunitárias, entre as quais a Casa dos Açores da Nova Inglaterra (de cuja direção eu na altura fazia parte), fizeram questão de ajudar as pessoas a preencher gratuitamente os formulários do *Green Card*. No entanto, tínhamos outra intenção. Quando as pessoas vinham preencher os formulários, tentávamos convencê-las a requerer a cidadania, como era seu direito. Um obstáculo era o facto de o pedido de cidadania ser um pouco mais caro. Mesmo assim, encorajámo-las, ex-

plicando-lhes a importância do estatuto de cidadão do país e assegurando-lhes que protegeria melhor os seus direitos, como o de poderem trazer membros da sua família para os EUA, entre outros benefícios. Todavia, além do custo, havia mais empecilhos: a preparação para o exame de cidadania e a organização dos documentos que tinham de ser apresentados com o pedido. Criámos programas que os ajudaram durante todo o processo. Demos aulas gratuitas para preparar os imigrantes para o exame, até disponíveis em português para pessoas com mais de 55 anos. Dei aulas gratuitas uma vez por semana durante quatro ou cinco anos. Desta forma, muitos portugueses se tornaram cidadãos. Durante as aulas, sublinhámos sempre a importância da participação política e do voto nas eleições americanas.

Miguel Moniz

Então nessas aulas não se dava apenas conselhos práticos, as pessoas também aprendiam sobre a importância do seu envolvimento cívico?

Onésimo Almeida

Havia um documento publicado pelo Departamento de Imigração e Naturalização com uma lista de 100 perguntas a que os candidatos tinham de saber responder - coisas como quais são os três ramos do governo, etc., bem como factos básicos sobre a história da América. Nas minhas aulas, procurei ir além de apenas ensinar as pessoas a memorizar as respostas corretas para o teste. Tentei também ajudá-las a compreender o que era a Democracia e como deveria proceder um Governo democrático saudável e funcional. Por isso, em vez de me limitar a ensinar respostas mecânicas, dei efetivamente aulas noturnas sobre política americana, e tornei-me um "professor de Democracia".

A Fátima Martins, emigrante do Pico, desempenhou um papel importantíssimo neste domínio. O mesmo aconteceu com John Pacheco em Rhode Island. O próprio Pacheco viria a tornar-se deputado estadual e a candidatar-se ao Congresso. A Fátima foi pioneira no desenvolvimento de materiais de preparação para o exame de cidadania. Chegou a escrever um manual que mais tarde foi publicado como livro, intitulado *América* (2009), para o qual eu escrevi o prefácio. A Fátima também mobilizou organizações em Massachusetts para ajudarem a comunidade, tal como

nós fizemos em Rhode Island. Juntos congregámos muitos voluntários e realizámos reuniões nos clubes portugueses. Milhares de imigrantes aproveitaram a nossa colaboração para obterem a cidadania americana.

Foi aí que se deu a mudança que eu sentia haver de ser útil tanto para Portugal como para os próprios emigrantes.

Miguel Moniz

Assim, a participação de todos estes novos cidadãos no processo político não só lhes daria peso político a nível local, como criaria um bloco de influência eleitoral nos EUA que, presumivelmente, também estaria empenhado em apoiar os interesses de Portugal. O que é curioso é o tempo que demorou, como sugere, a seguir ao 25 de Abril, para que a Revolução fosse vista de uma forma largamente positiva. A visita comunitária do Presidente Mário Soares foi efetuada 15 anos após o fim do Antigo Regime. De certa forma, isto pode indicar que só quando muitos imigrantes começaram a conhecer e a participar na democracia nos EUA é que se sentiram confortáveis com a Democracia em Portugal.

Onésimo Almeida

Bem, a situação política em Portugal tinha estabilizado. Havia um novo Governo, Portugal tinha aderido à CEE e os imigrantes nos EUA estavam efetivamente a perder o contato com as novas estruturas e instituições políticas do seu país de origem. Podiam ver os resultados concretos das transformações nele ocorridas, porque as condições de vida em Portugal estavam a mudar para melhor e muito rapidamente. Por essa razão, principalmente, era fácil convencer as pessoas de que deviam voltar a sua atenção para a vida nos Estados Unidos. Não só porque era lá que residiam, mas também porque Portugal estava, como eu disse ao assessor de Mário Soares, a tomar conta de si próprio. Nós tínhamos os nossos próprios problemas nesta comunidade e para os resolvermos precisávamos de ter ligações com a máquina política americana para sermos ouvidos. Se Portugal necessitasse de alguma coisa dos EUA, a única forma de as comunidades portuguesas se tornarem úteis seria influenciarem os políticos norte-americanos participando no processo político dos EUA.

Esta mudança não foi fácil para muitas pessoas. Era uma questão de orgulho. Muitos não estavam convencidos da relevância de obterem a ci-

dadania americana e não queriam abdicar da nacionalidade portuguesa. Também foi útil o facto de, em 1987, o Governo português ter publicado uma lei que autorizava os imigrantes no estrangeiro a manterem a cidadania lusa se adotassem a cidadania do país de acolhimento.

Lembro-me da minha mãe, que se tornou cidadã nessa altura, e lembro-me muito bem de ela me dizer “quero votar”. Então foi votar e eu fui com ela. A minha mãe tinha 80 anos quando votou pela primeira vez, e estava tão orgulhosa. Eu também fiquei contente. Ela quase chorou. Claro que isto aconteceu com muitas outras pessoas. De vez em quando, sou abordado por alguém que me diz: “Obrigado. Sou um cidadão graças a si”. E as outras pessoas que ajudaram os imigrantes a tornarem-se cidadãos também devem ouvir o que eu ouço. Pessoas que, de repente, vêm ter connosco do nada. Dizem-nos que o facto de se terem tornado cidadãos teve um impacto tremendo nas suas vidas.

Miguel Moniz

Pode também falar sobre outras mobilizações ou atividades políticas, além daquelas de política eleitoral, que ajudaram as comunidades a transformar as suas mentalidades da era ditatorial, levando-as à consciência e participação políticas?

Onésimo Almeida

Sim, posso mencionar que, antes das visitas de Mário Soares, houve uma situação importante que foi o caso do Big Dan, em 1983. Isso provocou uma onda de ativismo comunitário em 1984, mas essa é outra história (Almeida, 2009). No entanto, é um exemplo de como a comunidade conseguiu organizar-se e envolver. Só tivemos a capacidade de combater a comunicação social que explorava o caso do Big Dan, porque nos unimos. O grupo que organizou isso foi um Comitê Português em Fall River. Autodenominámo-nos Congresso Luso-Americano. As pessoas participaram, porque era uma questão de defender a reputação da comunidade. Kathy Castro, uma irlandesa então casada com um português e a principal impulsionadora de *O Jornal de Fall River*, foi uma voz de liderança nesse movimento.

Por essa altura, as pessoas já tinham esquecido as minhas atividades políticas pós-revolução.

É claro que, mesmo antes da Revolução, já havia focos de ativismo de Esquerda nas comunidades — embora estes estivessem mais implicados na política americana do que na portuguesa. Um evento importante foi a organização da famosa Conferência de Harvard em 1973, que ratificou o estatuto de Minoria Portuguesa, algo sobre o qual sei que você escreveu (Moniz, 2009). Eu não estava nos EUA há mais de um ano quando entrei em contato (ou, em alguns casos, o reatei) com amigos açorianos que também haviam imigrado para a Nova Inglaterra e moravam na região de Cambridge-Somerville, incluindo dois estudantes de pós-graduação do MIT.

Miguel Moniz

Está a falar sobre os debates posteriores à Lei de Igualdade de Oportunidades de Emprego, quando os hispânicos foram declarados minoria nos EUA, um estatuto que implicava, entre outros benefícios, uma série de proteções estatais contra práticas discriminatórias?

Onésimo Almeida

Sim. Achávamos que os portugueses não eram menos merecedores desse estatuto. O grupo de Cambridge vinha a Fall River, onde eu morava, para reuniões regulares. Eu já fazia nessa época a minha pós-graduação na Brown, mas trabalhava em tempo integral como coordenador de uma Equipa de Desenvolvimento de Materiais para o Programa Bilingue Português de Fall River. Ao longo de mais de meio ano, trabalhamos arduamente para organizar o Congresso Luso-Americano, que ocorreu em junho de 1973, na Universidade de Harvard. Achávamos que, para atrair a atenção da comunicação social, precisávamos de realizar o evento num local bastante visível.

O congresso foi um sucesso, com centenas de portugueses presentes, que participaram em painéis abordando questões onde considerávamos necessária a nossa intervenção. Estas incluíam a assistência aos imigrantes recém-chegados o acesso à educação e apoio em múltiplos problemas sociais. Moderei uma mesa-redonda sobre comunicação social com correspondentes e jornalistas, incluindo do *Boston Globe* e de canais de TV locais. Houve até um painel sobre a necessidade de a Igreja ser mais ativa na defesa dos direitos dos imigrantes. Caetano Valadão Serpa, membro

do grupo de Cambridge, moderou essa sessão, que recebeu algumas reações negativas, pois ele criticava bastante o papel passivo da Igreja.

Também fomos notícia pelos resultados de uma votação que decidiu por larga maioria (mais ou menos 200 contra 3) a favor do pedido de Estatuto de Minoria. A continuação, no entanto, não teve sucesso, pois éramos novatos na política americana e alguns luso-americanos bem relacionados superaram-nos no Congresso dos EUA, de onde saiu uma declaração oficial que impedia o estatuto hispânico de abranger os portugueses como grupo minoritário.

Miguel Moniz

Considera que, à medida que imigrantes portugueses passaram a participar plenamente da Democracia nos EUA, começaram também a entender melhor como a Democracia funcionava em Portugal?

Onésimo Almeida

Bem, começaram a perceber que Portugal estava a dar uma volta para melhor. Antes, não havia aqui televisão portuguesa, ao invés do que acontece atualmente. Depois, quando as estações de televisão de Portugal passaram a emitir nos canais por cabo nos EUA, a comunidade começou a perceber que havia um mundo de coisas a acontecerem na política portuguesa que eles não conseguiam entender. Eu convidava pessoas para o meu programa de televisão em New Bedford e os espetadores, aludindo a discursos de políticos portugueses, diziam: "Não percebi do que é que ele estava a falar". Tal acontecia, porque aqueles se referiam a questões políticas muito específicas e o contexto, assim como o discurso lhes passara ao lado. Portanto, eles simplesmente desligavam-se do que estava a ocorrer em Portugal.

Portugal era um sítio a visitar, e eles diziam "adoramos Portugal, vamos lá, gostamos do que se faz lá". Mas a grande transformação que os fez mudar de ideias foi a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, sobretudo por causa do dinheiro que Portugal recebeu, com o qual o Primeiro-Ministro Cavaco Silva construiu autoestradas e outras infraestruturas. A nossa gente aqui nos Estados Unidos adorava isso. Diziam "vamos a Portugal e há autoestradas e pontes novas. E agora respeita-se as filas". As pessoas em Portugal não estavam habituadas a esperar numa fila, por exemplo, à espera do comboio ou do autocarro.

O ambiente democrático que começaram a ver lá, a limpeza das paredes das casas na cidade, a organização dos espaços urbanos, o saneamento básico (todas as casas estavam equipadas com casas de banho interiores, etc.), e mudaram a opinião das pessoas que iam ao país e voltavam dizendo: "Portugal está agora em boas mãos. Portugal está bem tratado". Em 1998, as pessoas em Portugal estavam tão eufóricas com o que tinham conseguido, que os de cá começaram a dizer "a América agora é em Portugal", significando que o tipo de vida que tinham vindo encontrar na América, existia agora no Portugal que tinham deixado. Alguns foram ainda mais longe: "Cometemos um erro ao vir para a América. Em Portugal, estão muito melhor; as pessoas reformam-se lá com 49-50 anos. E têm isto, aquilo e aquele outro". A euforia também aconteceu em Portugal. Quando o escritor Vam-berito Freitas regressou aos Açores em 1993, depois de ter vivido 27 anos na Califórnia, dizia "isto é tão bom! Este é que é um país! Todo o dinheiro da União Europeia está a ser bem investido! Este é o sítio certo para se estar!"

Miguel Moniz

Descrevendo estes avanços pós-ditadura nos anos 90, você costumava dizer que Portugal é um país que passou de pré-moderno a pós-moderno sem nunca ter passado pela modernidade. Sem dúvida, o investimento económico em Portugal e outros elementos em antecipação da integração europeia em larga escala - que descreve como tendo impressionado tanto os imigrantes que regressaram - transformaram Portugal e criaram rapidamente infraestruturas, incluindo novas autoestradas, reparações de espaços e locais públicos, desenvolvimento urbano nascente, etc. É claro que se pode debater a sensatez da forma como este dinheiro foi gasto, como e onde alguns projetos foram implementados e que comunidades em Portugal mais beneficiaram com eles. Como é que estas mudanças indeléveis em Portugal, "tornando-o mais parecido com a América" na percepção dos imigrantes de regresso, como descreve, alteraram o pensamento deles sobre Portugal quando regressaram a casa? Como é que isso alterou as suas próprias vidas?

Onésimo Almeida

As pessoas iam a Portugal e voltavam com inveja daquilo que viam. Ao mesmo tempo, também se sentiam rejeitadas pelos portugueses. Os imigrantes, tendo estado fora tanto tempo, não tinham vivido aquelas

transformações, pelo que em Portugal ouviam “ah, vocês na América, não percebem”. Sendo Portugal uma parte tão central da sua identidade, este tipo de comentários magoava-os. Quando voltavam para cá, isso levava-as a sentir que já não tinham nada a ver com Portugal. Não se sentiam tão bem-vindos em Portugal como antes, não compreendiam Portugal como antes. Quando voltavam, a sua reação era rejeitar Portugal, ou pelo menos rejeitar o Portugal europeu do Atlântico e abraçar o Portugal americano. Diziam “deixem-me voltar para a América e juntar-me ao meu clube português, porque em Portugal falam uma língua que eu já não entendo. Eu vou a Portugal e eles não me prestam atenção nem me compreendem. Não tenho muito em comum com a nova geração de lá”.

Portugal estava a ser renovado por gente mais jovem que falava do mundo e vivia de uma forma que os imigrantes já não reconheciam. A nova forma de vida escandalizava frequentemente muitos dos nossos imigrantes visitantes. Isto levou muitos deles a verem a sua relação com Portugal sob uma luz diferente. Achavam que o seu mundo, o seu Portugal, estava aqui nos EUA. No meu livro (*Sapa)teia Americana* (2001), escrevi três histórias que descrevem três formas de “sair de Portugal”. O que aconteceu a estes imigrantes é uma dessas formas, em que o velho Portugal, porque o seu novo Portugal está agora aqui. O seu Portugal está em Cumberland, no Clube Juventude Lusitana, no Clube Social de Pawtucket, no Clube de Cranston. Aí encontram-se com os amigos, bebem juntos no clube e veem futebol de Portugal. Vão às suas igrejas portuguesas. É isto que importa para eles. Este é o seu Portugal. Claro que visitam os Açores ou o Continente, no verão e gostam, mas sentem que a sua casa é aqui. Na América, recriaram o seu velho mundo, o seu velho Portugal, mas abandonaram, em grande parte, o novo Portugal.

Miguel Moniz

Pela sua descrição, a resposta à minha pergunta anterior sobre quando é que a mentalidade pré-revolução mudou para alguns destes imigrantes de Portugal é que, para alguns, não mudou. De certa forma, estes indivíduos ainda estão a viver no Portugal pré-revolução, com os mesmos símbolos da nação portuguesa inspirados na era salazarista, continuando com muitas das mesmas práticas culturais, como a religiosidade e algumas das atitudes políticas do Portugal da era ditatorial.

Onésimo Almeida

Sim, em muitos aspetos isso é verdade. E agora muitos estão a virar-se para o MAGA e para o Trump. Principalmente por causa da questão do aborto, mas esta não é a única razão. Os imigrantes têm sido tradicionalmente democratas, mas agora, para onde quer que me vire, encontro apoiantes de Trump. É uma mentalidade patriarcal e ditatorial. Projetam em Trump a figura do homem forte que se opõe (ou eles acreditam que se opõe) a todas as mudanças que estão a acontecer à sua volta e que não compreendem ou não desejam que aconteçam. Assim, a comunidade continua a ser conservadora. Nem todos os seus membros, claro, mas um número significativo, incluindo muitos empresários abastados que são declaradamente pró-Trump na comunidade.

A demografia mudou muito aqui. Vou a alguns restaurantes portugueses e falo com as pessoas no bar e um número considerável delas é a favor de Trump. As suas atitudes são impermeáveis a discussões, argumentos ou factos. Não vale a pena falar de política com eles. Isto é uma mudança porque, tradicionalmente, a comunidade identificava-se com os democratas. Nos EUA, os católicos eram democratas.

Miguel Moniz

As comunidades de imigrantes na Califórnia, onde o grande apologista de Trump, Devin Nunes, foi reeleito após ciclo com base no apoio que recebeu dos portugueses de Central Valley, são ainda mais assim, não?

Onésimo Almeida

Sim. São, em geral mais conservadoras, mas também elegeram congressistas (na Costa Leste nunca conseguimos eleger nenhum e na Califórnia os portugueses já elegeram pelo menos meia-dúzia). Mas eu não conheço suficientemente a Califórnia para responder a esta pergunta. O meu amigo Diniz Borges é que tem escrito imenso sobre ela e é a ele que esta pergunta deve ser feita.

Miguel Moniz

De certa forma, este tipo de política é mais um legado ou reflexo do regime do Estado Novo, ou não?

Onésimo Almeida

Sim, mas só de certo modo, porque o Regime também foi bem-sucedido porque surgiu dentro da longa tradição de um país altamente conservador e religioso. Portugal foi assim durante séculos. Apoiou a Inquisição até muito tarde. Este é um dos temas que abordo no meu livro *A Obsessão da Portugalidade* (2018). O filósofo José Gil, no seu livro *Portugal, Hoje: o Medo de Existir* (2005), atribuiu o conservadorismo português a Salazar. Discordo. Os portugueses reagiram contra os excessos da República após a revolução de 1910 que aboliu a monarquia. Salazar foi levado ao poder, porque prometeu lei e ordem. Os valores que implementou baseavam-se em valores tradicionais com séculos de existência, porque o Concílio de Trento e a Inquisição, moldaram a mente dos portugueses durante cerca de 400 anos.

Miguel Moniz

Sim, este polo religioso conservador e tradicional influenciou muito a forma como a política em Portugal se desenrolou, nomeadamente a reação contra as reformas do Marquês de Pombal, a Guerra Civil Portuguesa e as suas consequências. A mudança progressiva parece ser sempre confrontada com uma contrarrevolução reacionária e, em Portugal, esta expressa-se frequentemente através da religião. Salazar promoveu e utilizou claramente o poder do Estado para impor a conformidade pública com a versão de religiosidade conservadora do Estado Novo. Mas, na sua opinião, esta não foi uma invenção dele, mas antes canalizou ou capitalizou um caráter que já estava muito presente antes da sua ascensão ao poder?

Onésimo Almeida

Sem dúvida, ele capitalizou esse caráter, e é aí que quero chegar. Há anos que leciono um curso sobre a luta, no mundo português e lusófono, a favor e contra a modernidade. Se lerem a bibliografia, muitos dos textos que discutem esta dicotomia foram escritos há duas centenas de anos. Nestes textos é evidente a prolongada existência do tradicional e do anti moderno em Portugal.

Permitam-me que diga que há muitos aspetos do Portugal conservador que aprecio e até adoro. Há outros que não aprecio. Mas aqui, nas comunidades luso-americanas, há uma tendência muito maior para preser-

var alguns modos antigos que, para bem ou para mal, estão a desaparecer ou já desapareceram em Portugal. Claro que tenho as minhas preferências sobre o que vale a pena conservar e o que merece ser deixado para trás. Mas não sou obrigado, só por ser português, a aceitar as coisas de Portugal que acho não merecerem ser preservadas.